

França.br2009

A proximidade do Brasil com a França está evidente nos diferentes episódios históricos do processo de constituição de nossa Nação. Considerando apenas os últimos 200 anos, há um elenco de fatos e instituições implementadas, seja sob os auspícios dos princípios de democracia e liberdade política e social, herança iluminista, seja com os diferentes feitos obtidos sob influência direta nas ciências, na tecnologia, nas artes, nas teorias, na cultura e educação, por gerações e gerações de brasileiros.

A França, entre todas as suas contribuições ao mundo ocidental, instaurou as bases da modernidade ao criar leis constitucionais revolucionárias, sistemas públicos de ensino e de conhecimento e, limites novos que fariam da igualdade um direito civil a ser promovido e assegurado pelo Estado. E no caso de sua contribuição ao Brasil, foi além. Nosso passado, colonial e imperial, também contribuiu na manutenção de vínculos fortes e duradouros. A língua falada entre a nobreza européia, assim como a cultura e o conhecimento ilustrados serviram de padrão para a elegância e os costumes, nas Cortes e nas relações sociais. As comemorações, em 2008, da chegada e estabelecimento da Família Real Portuguesa no Brasil expressam as particularidades dessa ligação transformada, mas sempre existente, entre os dois países. Com a cultura e a ciência francesa também aprendemos a entender o Brasil, conhecer os brasileiros, a mistura étnica e religiosa e até propor, *antropofagicamente*, a re-criação da arte e do conhecimento a nossa maneira e para nossa própria identidade, mesclando autonomia, origem colonial, contestação, pesquisa, esforço e desenvolvimento intelectual.

No ano em que se comemoram os 40 anos da manifestação estudantil francesa conhecida como Maio de 1968 e todo o panorama intelectual daqueles findos anos 60, no Brasil e no mundo, percebemos como foram férteis, não só as influências, mas as trocas. Pierre Verger e os orixás, Lévi-Strauss e os tristes trópicos, Edgar Morin e sua dialógica, Joffre Dumazedier e o lazer transformador, Roger Bastide e a USP, Durkheim e o social, os viajantes Nicolas-Antoine Taunay e Jean Baptiste Debret, Montaigne e seus ensaios, Foucault e a falsa moral, Sartre, Camus, de Certeau, Bourdieu, Chardin, Lebrun, Simone de Beauvoir, Piaff, Proust, Artaud, Godard, entre, muitos e muitos outros, aos quais me desculpo e justifico pela falha inevitável da omissão.

A história atesta a reciprocidade entre os dois países e a atualidade reitera as relações que incluem projetos de diversas grandezas, de

locais a nacionais. Arte, cultura, comércio, indústria, educação, projetos comunitários, tecnologia, ciência, lazer, moda, gastronomia, turismo. São inúmeras as interfaces hoje estabelecidas entre a França e o Brasil e, dadas segundo interesses de ambos os lados.

Em 2005, ano do Brasil na França, marcamos nossa presença com um conjunto de atividades e eventos musicais, literários e culturais, liderados pelo Ministério da Cultura, numa grande oportunidade de demonstração ao público francês, de toda a diversidade que nos é peculiar e dos elos culturais mais representativos.

Em 2009, ano da França no Brasil, temos igual missão de recepcionar os eventos e atividades francesas segundo os pressupostos da – territorialidade, da diversidade e da perenidade - para reafirmar, junto ao público brasileiro, a antiga sintonia e a atual criatividade que não cessa de renovar na história e na cultura de nosso país, as nossas ligações estrangeiras mais amigáveis.

Danilo Santos de Miranda
Março de 2008.